

Política brasileira: mexicanização
A estética de Martin Buber
A questão tecnológica no Brasil

REVISTA DE CULTURA

ANO 76 MARÇO 1982 21

VOZES

Seis anos
com os
xavantes
(testemunho
de uma
missionária)



VOZES

Redação e administração:

Rua Frei Luís, 100

Caixa Postal 90023 — Tel.: 43-5112

25600 Petrópolis — RJ

Redator: *Clarêncio Neotti*

Secretário de Redação: *Dermi Azevedo*

SUMÁRIO

A “mexicanização” da política brasileira / *Paulo Schilling*, 5

Tecnologia “Labour-Saving”: concentração industrial
e constância dos salários no Produto Nacional / *Hugo Pedro Boff*, 17

Igreja e Política no Brasil / *Januário Megale*, 29

A estética de Martin Buber / *Armando Trevisan*, 36

Entrevista

Irmã Ada Gambarotto:
seis anos com os xavantes, 42

IDÉIAS & FATOS

O FMI e o Terceiro Mundo, 67

Declaração sobre as conseqüências do emprego das armas nucleares, 70

Levanta, padrinho Cícero, 72

LIVROS, NOVIDADES E REVISTAS, 74

REVISTA DE CULTURA VOZES
ANO 76, VOLUME LXXVI, MARÇO 1982, N.º 2

Catalogada no ISSN International Standard Serial Number sob o n.º 0100/7076

ENTREVISTA

Irmã Ada Gambarotto, seis anos com os xavantes

A irmã Ada Gambarotto viveu seis anos em contato missionário permanente com os xavantes, de Mato Grosso, na comunidade de Sangradouro. Com o apoio do padre Bartolomeu Giaccaria, ela sistematizou uma série de dados sobre os valores deste povo indígena. Aqui está seu testemunho, nesta entrevista à Vozes:

Vozes — Depois de seis anos de convivência com os Xavante, que balanço a sra. faz da experiência?

IG — Hoje, mais do que nunca, não podemos ver os grupos indígenas representando as características e o “estágio de integração” de cada um, como estruturas isoladas, alheias a tudo o que ocorre à sua volta. Infelizmente o indígena brasileiro está inserido de modo particular na engrenagem do sistema econômico que rege nosso país. De certo modo podemos dizer que isto não é novo, mas data de quase cinco séculos. Alguns grupos têm história recente de contacto mas guardam profundamente a marca de pré-contactos anteriores e “do grande lago”.

A condição dos indígenas no sistema econômico é peculiar: embora fazendo parte da grande massa de marginalizados, os nossos grupos indígenas são portadores de duas fontes importantes na economia: a terra e sua condição individual de mão-de-obra ociosa. A terra dos índios é olhada com ambição pelas associações agropecuárias que, aceitemos ou não, gradativamente vão tomar conta delas. Exemplo claro se dá nas regiões pioneiras ou “frentes” onde a presença do índio “proprietário” das terras é um incômodo para as instalações de fazendas. Astuciosamente tratam os índios para trabalharem nas fazen-

das e dificultar a posse real das terras através do cultivo das mesmas. O sentimento profundo de inferioridade de nosso índio o leva a aceitar essa maneira de viver.

Os grupos tribais têm uma cultura e uma cosmovisão própria e, ao mesmo tempo, estão em contato permanente com “outra cultura” e cosmovisão. Esta “outra cultura” destrói todas as culturas menores. As instituições que atuam, de modo geral, junto aos indígenas, representam o sistema econômico e cultural civilizado. Dos confrontos entre ambas as sociedades, os resultados são de perda, em todos os sentidos, dos “tabus”, normas e cultura em detrimento dos valores da tribo. Assim a sociedade envolvente determina mudanças profundas nos grupos tribais, não porque seja simplesmente mais numerosa, mas porque as “afoga” economicamente.

Vozes — Qual o papel das missões e da FUNAI nesse contexto?

IG — De certo modo, a FUNAI e as missões representam, profana e sacramentalmente, esta cultura dominante. A FUNAI a representa a partir do interesse econômico poderoso influenciando na cultura do grupo. As missões nem sempre souberam ser independentes do poder econômico e nem sempre os missionários tiveram a sensibilidade e a preocupação de estudarem os grandes valores morais e as “sementes do Verbo” ocultas em cada cultura. Em muitos lugares foi mais fácil introduzir um elemento exógeno: a moral cristã com os nossos parâmetros, os nossos costumes. Formou-se assim um cristianismo aéreo. Os índios receberam o Evangelho encarnado em nós. Não puderam aceitar e aos poucos formou-se uma dicotomia entre vida na missão e vida na aldeia. Nós e eles caminhando em paralelas...

Não quero ser pessimista. Houve sempre missionários que se encarnaram nos povos aos quais queriam revelar o Cristo. É só procurar nas crônicas das missões e encontraremos vários desses casos. O mais comum, porém, foi a primeira atitude. Infelizmente continua ainda hoje em várias de nossas prelações missionárias.

Vozes — Feita esta introdução, como vê a vida xavante em seus traços culturais básicos?

JG — Os Xavante celebram a vida e os seres vivos. O principal elemento considerado a fonte da vida é a água. A água para o Xavante não é somente um elemento essencial de sobrevivência. Sua importância reside também no valor simbólico que encerra.

Os Xavante distinguem a “água viva”, ou seja, a água corrente (Ö) da “água morta” ou água parada (U).

A “água viva” dos grandes rios e a “água morta” dos grandes lagos estão povoadas por espíritos: ÖTEDEWA e UTEDEWA.

Há lendas a esse respeito para justificar a existência dos espíritos das águas. Os UTEDEWA são enganadores e extremamente malvados. Os Ötedewa ajudam os Xavante na educação das crianças. As crianças desobedientes, quando vão à beira dos rios, são raptadas pelos ÖTEDEWA e levadas às casas destes, localizadas no fundo das águas, são castigadas e devolvidas aos pais. Nunca mais irão desobedecer. Toda criança Xavante evita os grandes rios e as águas desconhecidas. Os ÖTEDEWA curam os doentes e deram aos Xavante os animais aquáticos e as abóboras.

A palavra banho para os Xavante é indicada por vários vocábulos. Entre eles o monossílabo “MRO” está sempre presente. “MRO” indica, entre as outras coisas, o liame conjugal e a transmissão da vida.

O banho não se reduz ao simples contacto da água com o corpo mas indica uma união íntima e eficaz da água com o ser humano.

O Xavante recebe seu primeiro banho imediatamente após o corte do cordão umbilical. O recém-nascido é levado ao centro da oca e recebe uma abundante ducha de água

fria, trazida do rio (Ö). Isto para que a água o faça crescer sadio, forte e bonito.

O Xavante vai ao rio várias vezes ao dia para tomar banho. Fica de cócoras, com as mãos molha a cabeça e as costas. Só depois deste rito é que ele mergulha, nada e se lava. Além desse banho simples, existem outros que constituem partes essenciais de determinadas cerimônias possuindo finalidades diversas. Entre eles destaca-se o BANHO DO NOIVADO que tem por finalidade específica tornar as crianças fortes e bonitas, e colocar as bases do noivado unindo mais intimamente as famílias dos futuros esposos.

Na vida prática o Xavante nunca constrói a casa durante as caçadas longe da água e sua aldeia está sempre aberta para um rio. É uma ferradura de cavalo aberta para o rio (Ö). Não começa uma viagem ou um trabalho fora de casa sem levar consigo uma cabaça cheia de água e se os esposos e filhos tardam em voltar da roça ou da mata, as mães e as filhas vão ao encontro deles carregando uma cabaça de água para que recuperem as forças.

Durante a iniciação dos meninos a maior luta consiste em despejar a água e quebrarem as cabaças com as quais as mães e as irmãs tentam inutilmente aliviar a sede dos filhos e irmãos que não podem beber de sol a sol.

Uma lenda sobre o *sol* e a *lua* justifica o porquê das cerimônias noturnas dos Xavante. O SOL quente toma conta dos BRANCOS. Com seu calor os faz adoecer e ficarem com febre. A LUA aquecida pelos Xavante passa a protegê-los. No começo só existia a noite iluminada pela LUA. O SOL, querendo aparecer, foi fazendo um buraco queimando tudo.

Em todos os grupos etários são escolhidos dois homens encarregados de homenagear o Sol: os PARORI'WA e dois encarregados de homenagear a LUA: os TEBE; Eles devem executar anualmente funções especiais e possuem na tribo e no grupo um grande ascendente.

O amor dos Xavante pelos seres vivos prova-se nas lendas e sonhos povoados por animais, árvores e astros vivos. Elemento signi-

ficativo é a água. O fogo roubado de uma onça por um menino é conservado sempre no centro da oca. Os seres mais em contacto com os espíritos são os meninos e as crianças, depois as mulheres. Os homens que procuraram dominar os espíritos do mal morreram todos e nenhum homem tentou mais se aproximar dos espíritos.

A lenda dos dois jovens PARINAYA (criadores) mostra a soberania dos Xavantes sobre os seres vivos.

LENDA DOS DOIS MOÇOS PARINAYA

Há muito tempo, nossa gente vivia na selva, e dela tirava seus alimentos. Todos os dias os homens e os rapazes saíam a sua procura. Essa tarefa não era fácil, pois as árvores não davam frutos. Colhiam pau-mofo e caçavam. À noite reencontravam-se num lugar pré-determinado e aí acampavam, distribuindo, em seguida, os resultados da batida. Estes eram os alimentos de nosso povo, no início.

Ora, entre os rapazes dois eram dotados de um dom especial. Podiam com o poder da palavra criar tudo o que desejassem, inclusive transformarem-se tomando forma de animais. Eles, saindo para as caçadas, usando deste dom começaram a criar a abelha preta que fabrica o mel, uma variedade de insetos comestíveis, vários tipos de coco e palmito etc. (cada informante conta esta lenda conforme seu gosto e conhecimento da mata e o elenco das coisas criadas varia muito.) Depois os PARINAYA levavam grandes quantidades de coisas criadas para o acampamento para todos os que estavam lá, homens, mulheres e crianças.

Faziam isto sempre às escondidas, e, por isto, os companheiros se aborreciam. De fato nas caçadas eles não encontravam nada e voltavam sempre de mãos vazias ou com pau-mofo enquanto os dois moços traziam sempre alguma novidade.

Os dois moços também começaram a se divertir, tomando forma de animais diversos: jaburu, peixe, cachorro, onça etc. Assim, brincavam com os homens, amedrontando-os. Desse modo os dois rapazes fizeram surgir sus-

peitas em volta de si, até que seus companheiros, cansados pelas contínuas brincadeiras, mataram-nos.

Logo depois sentiram remorso e voltaram ao local para sepultá-los, mas "Eles voltaram para ver, mas não viram nada, viram só sangue.

Aquele cupim limpava também onde ficaram os dois.

— Aonde eles foram jogados?

— Não, ninguém os jogou, eles ficaram aí mesmo.

— Onde estão?

— Acho que eles se levantaram.

Um deles escutou o barulho que faziam. "TSIQUIV, TSIQUIV,"

No lugar brotaram duas árvores WAWA chamadas também WAMARI HÓY'RE e servem para afastar a onça.

Essa foi a última criação.

Aonde os dois foram ninguém sabe até hoje. Ficaram as coisas boas que eles criaram para nós.

Vozes — O que o casamento representa para o povo Xavante?

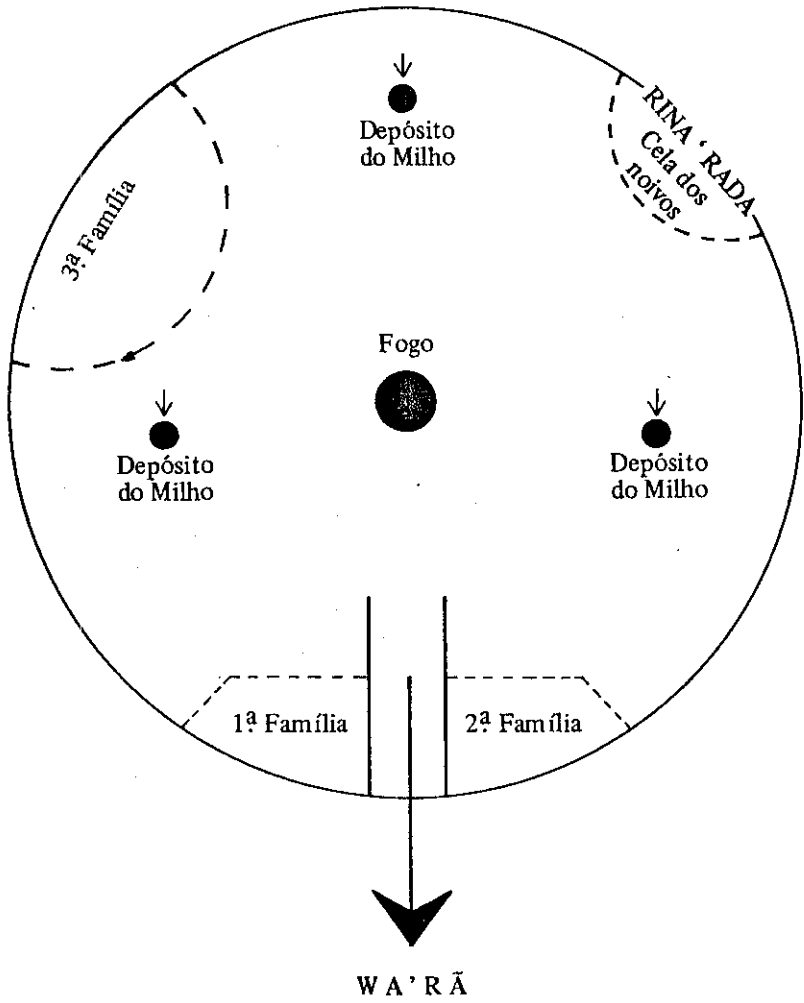
IG — O casamento Xavante é um fenômeno eminentemente social não só porque a família é considerada a base da sociedade Xavante (a família torna o povo forte e numeroso), mas porque num casamento entra em jogo toda a aldeia. Assistindo às várias etapas preparativas e sucessivas à cerimônia do casamento me veio espontâneo pensar no matrimônio de Isaque e Jacó como é relatado no Gênesis. Faz pensar também no casamento oriental principalmente dos chineses e japoneses entre os quais há, ainda hoje, leis severas condenadas pela nossa sociedade ocidental, mas que garantem um casamento mais feliz.

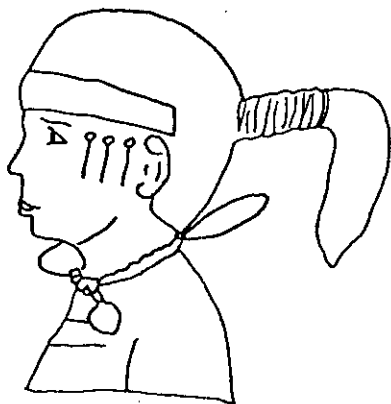
O gráfico ilustrativo abaixo mostra como toda a aldeia está ligada por um parentesco clânico que regula o casamento e garante sua continuidade. Pessoas do mesmo clã são consideradas irmãs, membros da mesma família e

METADE E CLĀ

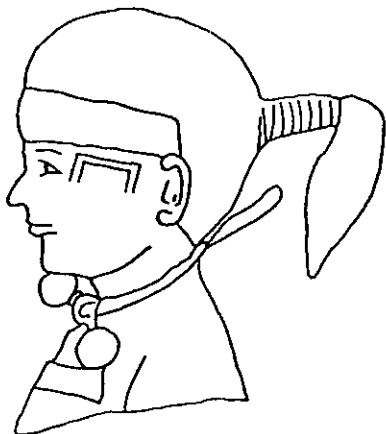
Metade	Metade
<p style="text-align: center;">empréstimos</p> <p style="text-align: center;">P ←----- Ö (Ö-T)</p> <p style="text-align: center;"> econômico -- matrimônio -- ritos</p> <p style="text-align: center;">empréstimos secundários estão se extinguindo</p>	
DAÑIMI'RE = direita	DAÑIMI'RE = esquerda
<p style="text-align: center;">SOL?</p> <p style="text-align: center;">PAHÖRI'WA</p>	<p style="text-align: center;">LUA?</p> <p style="text-align: center;">TÉBÉ</p>
<p>— WANIWI HĀ do meu lado</p> <p>— WATSI'RE do meu grupo -- metade</p>	<p>WANIWE HĀ DO MEU LADO</p> <p>WATSI'RE do meu grupo -- metade</p>
<p>ONIWIHĀ → do outro lado</p> <p>TSIRÊ'WA → do outro grupo -- metade</p>	<p>ONIWI HĀ do outro lado</p> <p>TSIRÊ'WA do outro grupo -- metade</p>

Esquema de Casa Xavante

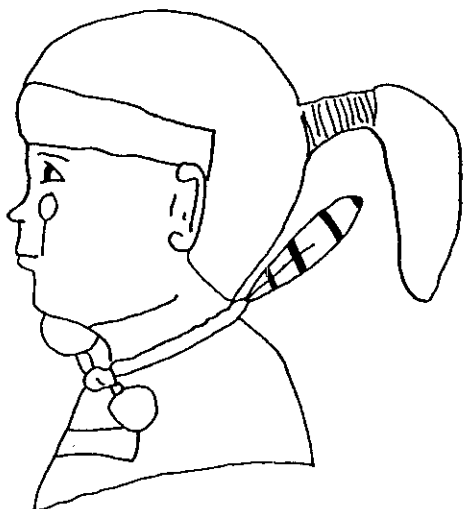




O clã POREDZAONO, que significa girino, é a estilização de um girino e abrevia-se (P). Em todo casamento uma metade é (P).



O clã ÖWAWE, que significa grande rio, é a representação estilizada do rio e abrevia-se (Ö). Os indivíduos (Ö) casam com (P).



O clã TOB'RATATO, talvez o nome onomatopaico do grito de uma ave noturna, é representado por um círculo e uma linha vertical, representação esquemática da ave. Abrevia-se (T). Os indivíduos (T) casam com (P).

o casamento não é possível. Qualquer relação menos honesta com pessoas do mesmo clã é considerada aberração e vem punida severamente.

A aldeia Xavante é dividida em duas metades: direita e esquerda, uma relacionada com o SOL e outra com a LUA. Parece que antigamente cada metade possuía os três clãs. O estudo dos clãs é difícil para nós. Há coisas que nós não entendemos. O problema é somente nosso, pois cada Xavante sabe a que metade pertence, de que clã ele é e com quem pode formar família. São os segredos que cada povo possui quanto à sua identidade.

Entre os Xavante o pai transmite o clã ao filho. São patrilineares. As filhas casando vão à casa materna, são matrilocais. Na mesma oca cabem todas as filhas. A mãe fica do lado esquerdo entrando na oca, as filhas moram nas suas celas no restante da casa. Qual o critério da divisão, não foi ainda descoberto. É também algo que foge à nossa percepção. O gráfico mostra a divisão no interno de uma oca. É porém um dos casos, pois há modelos diferentes e há casos em que o jovem casal forma logo sua casa individual.

Os clãs distinguem-se por símbolos particulares. Estes símbolos são desenhados na região parietal da face e nas maçãs do rosto, quando o Xavante participa de determinadas festas. São distintivos clânicos também os desenhos sobre o WAMÑORO, manto de seda de buriti que os jovens usam na perfuração das orelhas e os desenhos gravados nas flechas.

Parecem existir liames de simpatia entre (P) e (P); entre (Ö) e (Ö); e entre (T) e (T). Isto porém nada influi no casamento. As leis clânicas, por agora, são tão fortes que nenhum Xavante ousa quebrá-la. Os atrevidos são submetidos Ruri'ô a uma grupoterapia que os faz voltar à observância da lei.

Relacionado com o Parentesco e o casamento está a palavra WATSINI; "WATSINI é o conjunto dos pais daqueles que podem desposar meus filhos e filhas". Assim os velhos Xavante explicam e continuam: "São do clã diverso do meu e meus filhos e filhas não têm nenhum parentesco com eles."

Os primos primeiros de metade diversa são sempre WATSINI e o matrimônio entre seus filhos tem sempre a preferência. O gráfico seguinte dá a idéia desse relacionamento.

Quando relatei acima demonstra como o casamento não está só relacionado com os dois parceiros e suas famílias mas a aldeia inteira participa. É um fenômeno social bem mais comprometedor que nosso modo de casar. Quando olho uma aldeia Xavante e não encontro nem mulheres abandonadas e nem filhos órfãos, me questiono profundamente e não posso emitir um juízo negativo sobre a estrutura matrimonial desse povo:

Vozes — Como se dá a escolha dos noivos?

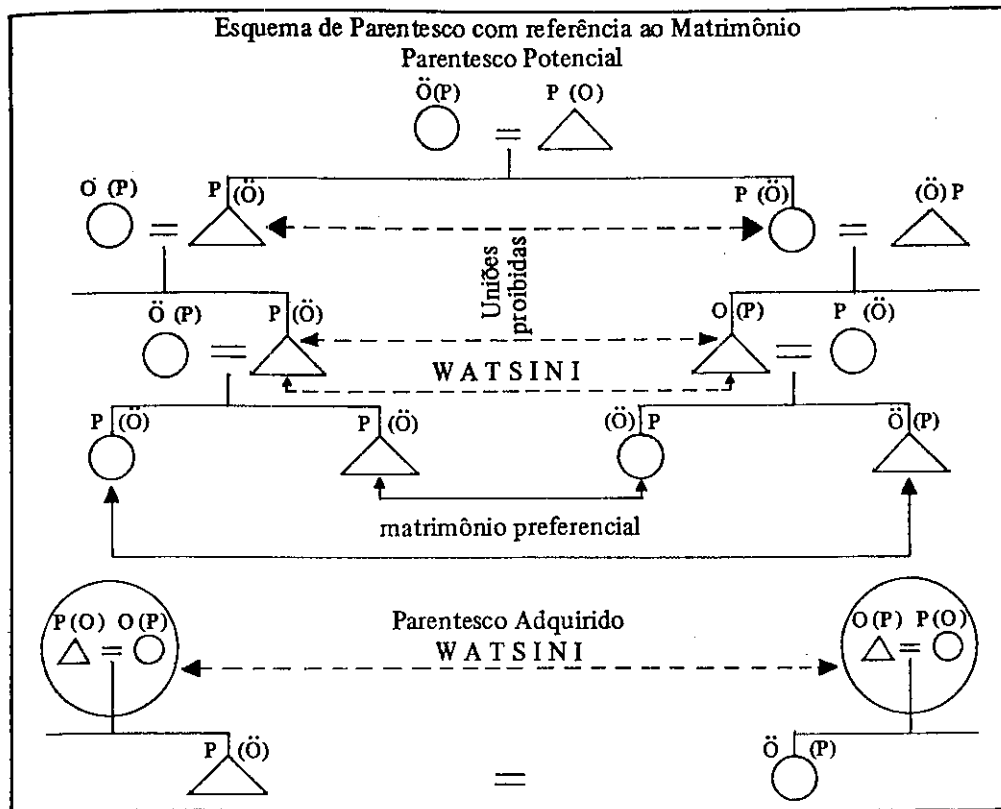
IG — Quando uma família quer ter relacionamento com outra e são WATSINI, tenha ou não filhas na idade de casar ou já nascidas (Os Xavante confiam na fecundidade da mulher e sempre esperam ter filhas em casa) durante a dança dos meninos na frente das casas, o pai de família amarra uma corda de folhas de buriti na cintura do menino que escolheu como genro. O menino escolhido rasga imediatamente a corda. Terminado o canto a mãe da menina faz um bolo com milho e o leva para a mãe do menino a qual entrega o bolo ao marido. Este no dia seguinte vai caçar e reparte a caça ao meio com a família da menina. Esta troca de presentes dura até que os filhos não se casem.

Há outro cerimonial para criar laços entre as duas famílias: o banho das crianças no começo da seca. Este banho tem um valor social tão grande que é executado também quando a menina não nasceu ainda. Nesse caso os irmãozinhos menores a substituem.

Vozes — Quais as normas culturais de iniciação entre os xavantes? Quais os critérios progressivos de amadurecimento?

IG — A iniciação ao casamento acompanha a vida toda do Xavante. Sua cultura é uma celebração constante da vida e da procriação.

O menino e a menina recém-nascidos são chamados AYUÊPRÊ. Desde que o menino e a menina ficam sentados até os dois anos são: AYUTÊ.



Na prática durante o tempo que estão nessas três classes de idade são chamados de Bodi se são do sexo masculino e oti se do sexo feminino.

Nesse período toda a responsabilidade é dos pais. Os velhos dizem para a mulher grávida: "Se limpares bem a casa o menino nascerá com facilidade e crescerá bonito..."

Quando a mulher percebe que está grávida tem a obrigação de se abster de determinados alimentos entre os quais a carne. Por outro lado deve alimentar-se bem à base de vegetais e frutas. O marido também deve seguir uma dieta. Não pode comer carne de perdiz pois o menino nasceria morto e nem comer ovos de tartaruga para que a mulher não morra de parto.

Depois do parto o marido não pode se aproximar da mulher até que a criança não fique sentada. Nessa época ele tem direito às cunhadas.

O menino dos dois aos sete anos de idade é WATÈBRÈMI.

A menina dos quatro aos doze anos de idade é BAËNO.

Neste período as crianças vivem com os avós e os tios pois a mãe está ocupada com os irmãosinhos.

As crianças participam de várias festas de iniciação: OIÔ, WAI'À o banho do noivado, e começa a participar das danças na frente das casas. Seguem ao adultos na roça, na caça e na pesca. Ajudam a recolher lenha, limpar a casa e as meninas tomam conta dos irmãosinhos e preparam os alimentos mais simples. Na festa do padrinho da noiva todos eles participam. Hoje a todas estas atividades tribais e a outras não citadas acrescentamos a alfabetização bilingüe e o ensino primário. Há um particular importante: enquanto o menino é WATÈBRÈMI e a menina BAËNO a mãe conserva o cordão umbilical na cabacinha. Se o menino

ou a menina morrer deve colocar o cordão umbilical na sepultura, se não quando o menino fica AY'REPUDU e a menina ADZARUDU a mãe esconde o cordão numa touceira de capim ou na água ou o enterra. Com este gesto a mãe quer manifestar desapego do filho ou da filha que já não precisam dela e sabem se defender.

Aos oito anos mais ou menos o menino é AY'REPUDU e permanece nessa classe etária até os treze anos.

A menina de mais ou menos onze anos passa a ser ADZARUDU designação que conservará até o casamento.

Nesse período o menino acompanha o pai em tudo. Aprende a fazer arco e flecha pequenos, e esteiras. Nas caçadas os AY'REPUDU se reúnem nas clareiras e ficam brincando ou vivem à beira dos rios nadando e fazendo piroetas. São também encarregados de ajudar o dono do acampamento para que nada falte em água e lenha na volta dos caçadores. O AY'REPUDU não pode acompanhar a mãe na roça mas em casa carrega lenha e água e obedece à mãe. O AY'REPUDU desobediente é castigado pelo pai ou pela mãe. Nessa idade o pai fala muito com o menino. Se o pai ama o filho não o castiga como quando era pequeno, mas fala com ele. Se o pai o castiga a mãe raciocina com o marido para convencê-lo a não bater mas a aconselhar como ela faz. Realmente vi muitas vezes castigarem WATEBREMI e BAONO mas dificilmente AY'REPUDU e ADZARUDU. O tempo dos AY'REPUDU é a disposição deles e eles brincam em grupo na aldeia para alegrar a comunidade.

As ADZARUDU vivem com a mãe e começam a tomar conta da casa e da roça. Aprendem a fiar algodão para fazer os enfeites, fazer esteirinhas e baquités, a catar as coletas, distinguir as ervas e as raízes e tudo o que se refere à vida da mulher. Participam das várias iniciações dos AY'REPUDU e podem ficar com seu noivo todas as vezes que o pai o permitir.

Para os castigos acontece o mesmo que para os AY'REPUDU só que quando uma AD-

ZARUDU desobedece é ameaçada de ser castigada pelos velhos que a usam como mulher. Muitas vezes o período de ADZARUDU é curtíssimo e logo a menina passa a ser ADABÁ e casa. Quando os Xavante chegaram a nós e nos pediram socorro não havia ADZARUDU. Muitos homens estavam sem mulher porque sendo já casadas e muito novas morriam no primeiro parto não resistindo a uma gravidez precoce numa época de corrida de um lugar para outro e de perseguição. Atualmente em várias aldeias Xavante encontram-se muitas ADZARUDU. Parece que estão começando a entender a necessidade de deixar a menina ser moça para que seja uma mãe mais sadia e mais feliz.

Dos treze anos a mais ou menos dezessete o menino passa a ser WAPTÊ e vive separado da tribo num regime de severidade e vigilância. Todos os WAPTÊ do mesmo grupo etário passam uns anos na casa feita de propósito para eles. A casa chama-se Ho e está fora da aldeia mais perto do rio, os WAPTÊ ficam sob a direta vigilância e orientação dos padrinhos, os DAÑO HUY'WA.

Nenhuma mulher pode entrar na casa dos WAPTÊ. A mãe leva o alimento até a porta da casa, espera que o WAPTÊ pegue o alimento (nem olha para a mãe e nem a mãe para ele. O WAPTÊ não pode olhar no rosto de nenhuma mulher) e volta para casa. O contato com a família é feito na hora da dança em frente das casas.

Os WAPTÊ são iniciados em todos os segredos da tribo. São submetidos a duras provações e se um deles se comporta desonestamente em relação às mulheres é severamente castigado. Se persistir no erro não participará da grande festa da perfuração das orelhas, o padrinho fará essa função só para ele sem solenidade e o WAPTÊ será considerado mau elemento e chamado de ATSITÔ (sem vergonha). A tribo toda o desprezará. Se dois ou três WAPTÊ não sabem se comportar o grupo todo vem castigado e não será feita a grande festa da perfuração das orelhas. Numa manhã qualquer, sem solenidade serão furadas as orelhas. O castigo da tribo recai nos padrinhos que não souberam educar os WAPTÊ e é uma desonra muito grande. Os velhos contam casos

semelhantes e as conseqüências são sempre desastrosas para a tribo.

Todo WAPTÊ deve submeter-se a este regime. Quando um é doente ou mais fraco é provado mais duramente e colocado nas atividades mais cansativas para ver se resiste. Relatam os velhos casos de morte durante o rito de iniciação dos WAPTÊ. Um jovem tuberculoso devia ficar a noite inteira dentro da água para guardar as abóboras rituais. Foi custoso convencer o chefe de cerimônia a colocar outro pois não teria resistido. Aceitou sem ficar convencido que assim seria melhor. Por outro lado o jovem quer participar de tudo também quando sua saúde não lho permite. É melhor ficar doente do que ser considerado um fraco. Após a perfuração das orelhas o jovem passa a ser 'RITEY'WA e pode unir-se à sua noiva e ficar com ela de noite;

- Durante o dia só pode ficar com a noiva quando o pai dele o permitir.
- Se nascer um filho será considerado filho do irmão mais velho até que ele mesmo possa assumir a paternidade.
- Não pode falar com as mulheres a não ser em voz baixa e a primeira coisa que ele pede à mãe é que lhe faça um bolo de milho.

Dos 22 anos aos 26 o homem é DAÑO HUY'WA.

- Pode formar a sua família.
- Assumir a paternidade dos filhos que já nasceram.
- Sua tarefa específica é ser educador dos WAPTÊ. Todo grupo dos DAÑO HUY'WA tem a responsabilidade de iniciar os WAPTÊ dos quais são considerados padrinhos. Esta autoridade permanece com eles até a morte e sempre poderão corrigi-los, iniciá-los e aconselhá-los.

Os WAPTÊ recompensam seus padrinhos com bolos e providenciando o necessário durante vários passeios pela mata.

- Nos eventuais castigos aos WAPTÊ quem mais padece são os DAÑO HUY'WA. A

grupoterapia é fortíssima e nem sempre eles resistem, chegam a brigar violentamente e depois deixam a aldeia indo para outra. Não voltarão até que alguém vá chamá-los de volta garantindo que tudo foi esquecido. Então eles voltam às suas famílias e a vida continua normal.

Aos 26 anos o homem atinge sua maturidade completa e é chamado de : IPRÊDU com plenos direitos e deveres na tribo. Participa de todas as cerimônias, tem sua casa e sua família, organiza caçadas e pescas. Fabrica todos os enfeites típicos dos homens principalmente: arco, flecha, borduna, esteira. É ele quem providencia carne em casa e quem defende a família e a tribo de eventuais ataques. Vigia na educação dos filhos e se preocupa com o futuro genro. Toda noite se reúne com seu grupo no centro da aldeia para conversar, apresentar problemas, estudarem juntos as atitudes a serem tomadas e apresenta aos colegas os cantos que ele sonhou. Se agradarem todos irão aprender e usarão o canto nas várias cerimônias.

Como pai, vive quase todo seu tempo com os filhos AY'REPUDU e os prepara para serem bons WAPTÊ. Fala muito com o filho mas à meia voz, deitado na esteira e repetindo, repetindo gestos e palavras.

Vozes — Estamos no Ano Internacional dos Idosos. Qual o papel dos idosos na sociedade xavante?

IG — O homem velho conhece todos os segredos da tribo, é respeitado e ouvido. Ele realmente é o verdadeiro chefe. O conselho dos velhos é que determina as várias atividades e cerimônias. O velho é chamado IHIRE.

Nas festas os velhos olham de longe, observam tudo e aprovam ou condenam pinturas, ornamentações e gestos. Sempre há num canto o grupo dos IHIRE a observar, ser consultado e garantir o êxito da cerimônia.

Os IHIRE são o verdadeiro sustentáculo da cultura da tribo.

São sustentados pela tribo e se pedem algo são logo atendidos. Quando um IHIRE não age bem os IPRÊDU em grupo conversam com ele, com toda amabilidade. Geralmente

são os filhos dele que chamam atenção. Um velho queria abandonar a aldeia. Todos os filhos, que moravam em aldeias diferentes, foram visitá-lo com suas famílias. Ficaram com ele muito tempo e no fim um genro conseguiu usar um argumento que agradou ao velho, então exclamou: "Tenho um genro inteligente. Vou seguir o conselho dele, não vou mais sair da aldeia, fico aqui onde vocês me podem visitar e meus netos cantam para mim."

Os IHIRE podem intervir em qualquer cerimônia, orientar e ajudar sem serem solicitados. Brincam com as crianças e ensinam jogos graciosos e cantos alegres. Na educação dos AY'REPUDU e das BAÔNÔ eles contam lendas, mitos e ensinam danças e cantos. A meu modo de ver é a classe etária mais autêntica e mais feliz.

Vozes — E qual o papel da mulher casada na comunidade xavante? Como ela valoriza seu papel?

IG — A mulher casada e com filhos é simplesmente chamada de PIÕ.

É dona da casa e da roça.

— Participa ativamente das festas próprias para ela. Sempre prepara os bolos de milho e de feijão para as várias cerimônias. Fabrica baquitês e esteirinhas e fia o algodão. Vive sacrificada e feliz cercada pelos filhos e netos. Está sempre em atividade de serviço e envelhece rapidamente. Aceita todas as gravidezes que se apresentam e é mãe feliz de muitos filhos.

Vozes — Que funções exercem os padrinhos no casamento xavante?

IG — Padrinho pode ser o irmão da mãe do menino ou da menina. Qualquer um que tenha esse grau de parentesco pode apresentar sua candidatura.

A cerimônia na qual se inicia a função de padrinho é significativa.

No dia marcado o menino ou a menina e eventualmente todos os irmãos menores vão à casa do padrinho que os pinta de vermelho e as pernas de preto, coloca no corpo deles os enfeites há tempo preparados. O menino é ornamentado como durante a vida toda de

WAPTÊ e a menina como no dia do casamento. A família toda do padrinho colabora para a cerimônia. A esposa e as filhas preparam dois bolos, um enorme e outro menor.

Terminada a vestição é chamada a mãe dos meninos. Então em procissão vão da casa do padrinho até a casa do afilhado nessa ordem: os pequenos na frente, em seguida o afilhado com o bolo menor e depois a mãe com o bolo maior. Este é tão grande que às vezes é ajudada por homens.

Chegados em casa o pai divide em dois o bolo grande. Uma parte fica para a família e a outra com o vizinho de casa para que a reparta para toda a aldeia. O bolo pequeno é entregue pelo afilhado ao padrinho que o repartirá entre os companheiros da classe etária do menino.

Com essa cerimônia o padrinho assume sua responsabilidade sobre o afilhado perante a tribo. Será ele a pintar o jovem no dia da perfuração das orelhas e a moça no dia do casamento além de poder falar com eles quando quiser castigá-los, quando necessário. É de notar que o padrinho do menino exerce muito menos seu papel do que o da menina. O pai do menino é o diretamente responsável pelo casamento do filho. É a ele que o filho pede a caçada ritual e é o pai quem o pinta antes da entrega da carne.

Vozes — Como se dá o noivado oficial?

IG — Quando o rapaz chega a ser 'RI-TÊY'WA e a menina ADABÁ celebra-se a festa da imposição das mãos.

Os rapazes e as moças ficam em duas filas um em frente ao outro no centro da aldeia. Então os velhos, os adultos, os padrinhos e as mulheres desfilam na frente dos moços e das moças e cada um coloca a mão direita na cabeça dos jovens. Um grupo especial executa contemporaneamente um canto em frente às casas. Essa cerimônia é repetida várias vezes. O valor simbólico é grande. Os jovens são as esperanças da tribo e todos querem colaborar para que cresçam valorosos e sadios. É um sinal de compromisso comunitário para as famílias que irão sendo formadas.

Terminada a imposição das mãos os 'RITÈY'WA pegam ramos compridos e os padrinhos do grupo fazem uma casa especial côncava para OESTE e convexa para LESTE. Ai os jovens colocam as esteiras que os pais lhes deram. Cada um se deita na sua esteira com os braços cruzados no peito e as pernas uma sobre a outra. À tardinha as mães levam a noiva para os 'RITÈY'WA; se a noiva for menina a sogra deita-a perto do noivo do lado direito se a casa da noiva for do lado direito e do lado esquerdo se for do lado esquerdo da aldeia. As pernas da menina ficam dobradas e uma mão é colocada sobre o corpo do homem. As ADABÁ tomam a mesma posição sozinhas. Nesse caso a sogra retira-se após ter entregue um bolo de milho e feijão ao genro. Quando a comunidade tomou conhecimento das noivas, estas retiram-se para suas casas. Os padrinhos entregam o bolo aos adultos. As mães chegadas em casa levam outro bolo para a mãe do futuro genro. O primeiro bolo serve para tornar conhecido que é o noivo das filhas. O segundo marca o noivado oficial. O bolo é distribuído entre todos os parentes do noivo.

As cerimônias referentes ao casamento vistas até aqui fazem parte do casamento como ato comunitário. As que seguem são relacionadas ao casamento como compromisso pessoal dos noivos.

Vozes — Em que consiste a caçada de casamento?

IG — DABATSA ou caçada de casamento é determinada pelo desenvolvimento fisiológico da noiva. Quando seus seios forem plenamente desenvolvidos o jovem pede ao pai que prepare DABATSA. O pai reúne os parentes mais próximos e os irmãos e partem para uma caçada especial que durará duas semanas.

A noiva desse momento em diante passa a ser ADABÁ. Nessa caçada podem matar qualquer animal. Se tiverem sorte e matarem logo três antas ou outro animal grande o tempo pode ser reduzido.

O noivo não caça. Recebe a carne para ser defumada e toma conta do acampamento. Quando ele julgar que a carne é suficiente começam o caminho de volta. Cada caçador

carrega um pouco de carne num cesto pequeno. Um caçador do mesmo clã da esposa prepara o grande cesto com o qual o noivo deve carregar a caçada até a casa da sogra. A carne que eventualmente não couber no cesto pertence ao construtor do mesmo. Não muito longe da aldeia, enquanto vem preparado o cesto, o pai do noivo o pinta. Uns gritos característicos avisam a chegada da caçada. Quem grita não pode ser visto pelos da aldeia. Entram todos em fila e entregam a carne ao noivo no centro da aldeia. Vem colocada no cesto e lavada pelo noivo até a porta da casa da sogra. Ele joga o cesto e entra. A sogra sai, olha a carne e se aceita deita em cima do cesto uma pequena esteira. Quando a sogra não fica satisfeita com a caçada, esta deve ser repetida. Assisti até três tentativas de DABATSA. Geralmente quando não aceita é porque ela não se simpatiza muito com o genro ou este fez algo que não agradou aos sogros.

O padrinho da noiva distribui a carne entre todos da aldeia. O noivo e a noiva não podem experimentar da caçada. Eles nada vêem. A noiva fica fechada na cela nupcial de sua casa e o noivo quando joga a carne entra e vai ter com ela. Desamarra os cabelos em rabo de cavalo e deita-se ao lado dela. Descança uns minutos em silêncio e volta para a casa do pai dele.

O noivo deve pagar os caçadores. O pagamento, que foi marcado antes da caçada, pode consistir em alimentos ou no uso da noiva por uma vez.

Terminada a distribuição da carne o padrinho pinta a noiva e organiza uma cerimônia singela na frente da casa. A mãe da noiva coloca uma esteirinha na frente de casa. A ADABÁ sai e senta-se na esteira em posição típica; sobre os calcanhares. Uma colega da mesma idade e de clã oposto corre até a noiva, lhe desata os enfeites, e volta com os mesmos para casa. Usará o presente na caçada. Quando esta menina casar a esposa lhe tirará os enfeites. Sem adorno a jovem esposa entra em casa e fica com a mãe. O esposo nada viu. Ele só pode passar a noite com ela. Durante o dia a visitará se o pai dele o permitir. Precisa se tornar DAÑOHUY'WA para morar definitivamente na casa da esposa. É nessa época que

os colegas do grupo do esposo destroem a cela que separava os dois durante a lua de mel. O casamento Xavante é matrilocal como demonstra o gráfico abaixo. A ADABÁ deve seguir dieta severa até nascer o primeiro filho quando chamar-se-á AY'RATE. Aparecendo outros filhos será simplesmente PIÕ.

Vozes — Gostaríamos de insistir na visão xavante sobre o papel da mulher...

IG — À primeira vista a mulher Xavante parece uma escrava, uma marginalizada na vida da tribo. Olhando além das aparências nota-se como a mulher em casa, na roça e na vida da tribo tem uma responsabilidade grandíssima e é A MULHER...

Dentro de casa quem manda é ela. O alimento vem distribuído por ela. A roça lhe pertence. A mulher Xavante é a dona absoluta da casa, da roça e da alimentação. A lenda: A MULHER, O MILHO E OS PERIQUITOS mostra isso.

— Quem teve a idéia de melhorar a alimentação dos Xavante foi a mulher.

— Ela conseguiu roubar o milho dos periquitos.

— Ela ensinou aos homens como conseguir muito milho.

— A mulher pediu aos homens que fizessem sacos de "seda" de buriti para a conservação das sementes de milho.

— Inicialmente entre os Xavante quem dava a vida aos filhos eram os homens mas acontecia que morriam todos de parto. Então decidiram incumbir a mulher disso e ela sobreviveu. Esta piada prova a superioridade da mulher no sacrifício e na dor.

Os homens que tentaram lutar com os espíritos maus morreram todos. As mulheres conseguiram vencê-los e roubaram deles muitas sementes úteis.

Assim diz a lenda: Antigamente os Xavante comiam mal.. Só pau-mofo e caça. Uma mulher resolveu entrar na mata e procurar melhor alimento. Ela escutou o canto dos periquitos e foi ver de perto o que era. Não era como homem, mas tinha muita coragem. Na mata encontrou pedaços de milho embaixo

duma árvore grande e com o tronco trançado. Ela olhou para cima e viu muito milho nos galhos. Subiu e jogou as espigas para baixo até encher o cesto. Tampou bem para ninguém ver e levou para casa. O pai perguntou-lhe a quem pertencia o mantimento. Respondeu que era dos periquitos. Voltou ainda por duas vezes para buscar milho. Fez fubá e com este um bolo redondo. Distribuiu-o aos seus filhos e também ao pai. O tio viu os sobrinhos comerem gostosamente. Foi à casa da irmã a saber a procedência daquilo. Ela relatou o acontecido e convidou todos a irem dentro da mata buscar milho. No dia seguinte se pintaram e foram procurá-lo. Os moços subiram na árvore com cestos para recolherem as espigas e desceram bem carregados. Os velhos recolheram o que ficou esparramado pelo chão. Voltaram para casa na melhor alegria. Chegados debulharam as espigas e foram assando sobre o fogo. Guardaram as espigas maiores para o plantio.

A mulher que roubou o milho dos periquitos era uma WAY'A TSIPIÕ, isto é, uma mulher castigada no WAY'A e usada por todos os homens que quiseram. Não era uma PIÕ, uma mulher respeitada e honrada. As lendas Xavante têm como protagonistas pessoas cuja conduta nem sempre era aceita. Os protagonistas das lendas sempre fazem algo de útil para a comunidade e ficam sendo lembrados por todos.

Vozes — Como os xavante vêem problemas como a infidelidade, o divórcio e outros na vida conjugal?

IG - Todas infidelidades matrimoniais recaem sobre a mulher. Quando uma mulher é infiel o marido castiga-a entregando-a a quem quiser usar dela. Recebe em troca dons de caça e de roça. Com isso o marido fica calmo e perdoo à mulher.

Se o marido é infiel pegam e usam sua mulher sem recompensa... Quando dois esposos ficam demais a sós e não participam das festas o grupo os castiga pegando a mulher numa festa solene o WAY'A, e entregando-a a quem quer usá-la. O marido nada pode dizer, nem se opor. Recebe pagamento e fica calmo e aprende a participar da vida social da tribo.

O divórcio é muito raro e quase sempre feito sem publicidade. Os filhos ficam com o pai ou com a mãe dependendo de quem quer a separação. Raramente um divorciado repete DABATSA.

Na iniciação dos meninos e das meninas nota-se como chegados à pré-adolescência os meninos acompanham o pai ou outro homem e as meninas a mãe, a tia ou outra mulher. Há uma lenda explicando o porquê dessa atitude: Nos primórdios da criação, uma mãe saía constantemente com os filhos para a cata de buritis. O pai, desconfiado com a constante demora da esposa (já não era tempo de colheita de coco de buriti), mandou outro filho vigiá-los. Esse, transformando-se em beija-flor, descobriu os dois deitados em atitude desonesta e incestuosa.

Voltando, contou envergonhado ao pai o que descobrira. Este indignado os recebe desmentindo-os, os pune exotando-os de casa. Então os dois penetram na mata e viram antas... a carne preferida para os xavante mas proibida às ADABÁ e aos iniciados ao WAY'A.....

A lenda: A MOÇA E O LOBO mostra como as bestialidades não são desconhecidas entre eles mas são castigadas.

Antigamente o lobo era um Xavante feio e fedido.....

As meninas voltaram da roça e na beira do caminho encontraram um Xavante feio e fedido que começou a chamá-las. Elas passando direto porque o achavam feio e fedido. Mas a última, ao passar, achou-o bonito e foi deitar-se com ele.

Quando as outras chegaram em casa e disseram que uma havia deitado com o lobo, as irmãs desta ficaram com raiva, pois isso ela não devia ter feito.

Quando ela chegou em casa, as irmãs começaram a chorar, porque ela ia ficar grávida e o filho dela não iria nascer como gente.

Quando nasceu a criança, as irmãs a jogaram no rio. Pintaram a Irmã com urucum e atiraram-na no fogo, porém antes que ela chegasse a queimar, transformou-se em um

gavião de cauda branca e voou para longe. Ele sobrevoa as queimadas até o dia de hoje.

A lenda do moço e da moça infieis mostra como os noivos já estão comprometidos. "Um Xavante foi pescar e levou consigo uma menina que já era noiva. Na volta ela trouxe para casa um peixe que havia ganho e sua mãe e irmãs comeram. No dia seguinte, enquanto a mãe estava comendo o peixe seu irmão proibiu-a de ir pescar novamente com aquele homem. Ela não ligou e foi. O irmão reuniu o grupo e foi atrás dos dois para matá-los. Chegando no rio foram atirando flecha no homem, que atravessou o rio, embora ferido, e fugiu. A moça queria matá-la com cacete mas o irmão ficou com dó dela. Levaram-na no meio do capim e foram pondo fogo em volta. Ela corria apavorada enquanto o fogo a cercava. Quando já não havia mais espaço suficiente para correr, veio o redemoinho e arrebatou-a do meio do fogo. A moça transformou-se em redemoinho e o homem em jacaré.

Vozes — Como os xavantes vêem os viúvos?

IG — As mulheres viúvas podem casar outra vez mas sem a caçada: DABATSA. Se a viúva é muito jovem pode casar-se com um solteiro. Se for adulta só se casará com um viúvo. O casamento será simples sem nenhuma cerimônia. O esposo irá para a casa da viúva, se esta a tem, ou para a casa da mãe da mulher, se esta é muito jovem.

Habitualmente a viúva volta para a casa paterna, quando não passa a ser esposa do irmão mais velho do marido.

O homem, quando enviúva, só pode casar com uma viúva.

Se uma viúva tiver filhos antes do segundo casamento ela mesma apresentará o pai da criança à tribo e ninguém então falará dela.

Os cegos, os egoístas que não sabem reparar a caçada e os tarados psiquicamente não podem casar.

Vozes — O contato com a chamada sociedade envolvente interferiu em que aspectos no modo de os xavante verem o casamento e a vida familiar?

IG — Os Xavante durante o êxodo de suas aldeias até serem recolhidos e amparados pelos missionários estiveram constantemente em contacto com fazendeiros, jagunços e caboclos. As mulheres Xavante foram judiadas, suas jovens violentadas e o exemplo de vida familiar que encontraram foi bem negativo.

Repito aquilo que falei na introdução: Os Xavante estão resistindo, na sua estrutura familiar, ao fenômeno de desaculturação, mas os sintomas de uma crise neste sentido estão claros e, num futuro próximo, se não agirmos com tato e respeito, assistiremos ao desaparecer de uma tão séria estrutura familiar.

Lendo o Livro “O MATRIMÔNIO” de Schillebeeckx notei que a passagem de um matrimônio tribal para um matrimônio puramente individual foi o caminho seguido por todos os povos. É como um amadurecimento do mesmo matrimônio. Ele afirma:

“É lugar comum, hoje em dia, ouvir falar com desprezo do padrão moderno do matrimônio. Esse julgamento sem matizes carece certamente de sutileza, e duvido muito se é mesmo justo”.

Têm-se constatado enormes mudanças estruturais em nossa sociedade nos últimos 150 anos e essas mudanças não mostram sinais de cessar. Se olharmos imparcialmente para a vida matrimonial dos dias presentes contra esse fundo de mudanças social, podemos chegar somente a uma conclusão: que nunca antes na história do homem a vida matrimonial foi levada, de modo tão notável, a seu aspecto autêntico e forma original como no tempo de hoje.

Antes do século XIX, a estabilidade interna do matrimônio e da família derivou-se em grande parte de situações e fatores objetivos que se encontram fora do próprio matrimônio. A família e a comunidade familiar formavam, por assim dizer, uma única comunidade econômica de tipo patriarcal e autoritário. A comunidade menor da família e a comunidade maior absorviam uma a outra. Havia intercâmbio de movimento constante entre uma e outra. Casamento significava entrar numa entidade social previamente arranjada, uma

comunidade de trabalho que, mais ou menos, coincidia com o círculo familiar (avós, pais, filhos, filhos casados, netos).

A vida econômica e social de um povo era reforçada pelo matrimônio e pela família, mas a vida matrimonial e a família eram também sustentadas pela sociedade. Isto não significa que o aspecto pessoal e subjetivo do matrimônio faltasse completamente, estava lá, mas como que subentendido, era um tabu. E era precisamente porque este lado pessoal e subjetivo do matrimônio estava presente, embora silencioso e invisível, que a vida pública, social e econômica era penetrada, até certo ponto, pelo espírito de família. As pessoas trabalhavam com aqueles com quem viviam.

O que preservava o matrimônio não era tanto o casal, como a inteira estrutura desta comunidade de trabalho e toda a sociedade. A forma superior de relações sociais objetivas predominava sobre a vida pessoal. Mantinha-se unido o círculo familiar pelo trabalho participado comunitariamente. Do mesmo modo, embora não se impedisse o amor, a escolha dos parceiros no casamento imprimia um carimbo no estado de um casal jovem dentro da comunidade de trabalho do círculo familiar.

As modificações de estrutura que se têm realizado na sociedade, especialmente desde o surgimento da industrialização e das comunidades urbanas, afetaram profundamente a posição do matrimônio e da vida familiar. A família sofreu uma perda funcional. Larga variedade de funções, desempenhadas previamente pela comunidade familiar maior, foram açambarcadas por grupos fora da família. Esse processo tem continuado em ritmo crescente, atingindo finalmente a situação atual na qual a organização moderna da cidade assumiu quase todas as funções da unidade familiar mais antiga. A sociedade está dividida em vários setores especializados, que formam uma entidade única em confronto com a família. O domicílio e o lugar de trabalho não coincidem.

Uma consequência importante de toda essa perda funcional é que o matrimônio e a família dependem, por assim dizer, de si mes-

mos. Matrimônio não mais significa que os parceiros se incorporem automaticamente ao padrão social objetivo e estabelecido da comunidade do círculo familiar. Falta esse fundamento firme da vida matrimonial estável, e o par recém-casado de hoje deve partir do próprio começo e, o que é mais grave, deve partir sozinho, ou antes como duas pessoas sozinhas.

O declínio dessa situação social objetiva conduziu a uma liberdade e alcance maiores do aspecto pessoal e subjetivo da vida matrimonial. O matrimônio e a família, dependendo de seus próprios recursos, são forçados a pensar sobre sua própria natureza essencial. Apenas uma função restou para o matrimônio e a família: a de ser matrimônio e de ser família. Tudo o que resta para a família e o matrimônio é esse aspecto pessoal e subjetivo, essa vida íntima, interna, uma vez que todos os aspectos funcionais do matrimônio e da vida familiar foram assumidos por várias seções especializadas da sociedade moderna.

... A estabilidade não pode mais depender da organização extrínseca da sociedade para obter apoio. Assim a fidelidade. A estabilidade e a fidelidade no casamento apóiam-se agora dentro, no próprio casamento, pela dependência mútua do casal. A sociedade não é indiferente ao matrimônio e à família e não deixa de exercer um certo controle sobre eles. Só mudaram os padrões de controle. Casais novos não contam com nenhum apoio exterior estável em que se possam fiar. Devem sozinhos fazer seu caminho.

Acabou o padrão patriarcal e autoritário das relações familiares. Uma relação mais amigável de companheirismo e camaradagem tomou o lugar do estilo patriarcal e autoritário da família (Schillebeeckx página 15 e seguintes).

O caminho para o amadurecimento da sociedade matrimonial de todos os povos é este, a história fala claro. O perigo para o povo Xavante é que esta passagem se processe rapidamente abalando as estruturas tribais e cause o desaparecimento desse povo. Pois nas tribos, quando forem atingidos os padrões cul-

turais que regem a família, acaba a grandeza da tribo. No caso dos Xavante só aparecendo um profeta no meio deles é que essa passagem se processará sem fracasso. Sou tentada a afirmar que isso hoje é utopia. Amo esse povo e vejo que o fenômeno de mudanças radicais é irreversível... porém acredito que ainda seja possível conservar o essencial na estrutura familiar para que não desapareça. No povo Xavante tudo gravita ao redor da família e da vida.

A introdução de bens de consumo alheios aos valores econômicos tribais foi o golpe mais decisivo contra a estrutura do matrimônio Xavante.

O bolo de milho e de feijão, tão valorizado pelos Xavante e tão rico em simbolismo, está sendo desacreditado e no lugar dele oferecem outros alimentos com grande perda do valor simbólico. Na troca de presentes não são mais usados os produtos de caça e da pesca e os frutos da roça mas: cortes de vestidos, perfumes, sabonetes etc. com perda incalculável de sabor simbólico.

Houve uma tentativa inicial de substituir a caçada DABATSA por uma vaca. Ao nosso modo de ver as coisas, seria a maneira melhor de suprir à falta de animais de caça. Haveria, por outro lado, economia de tempo, de forças e garantia de carne. A experiência foi feita. Mas quando nasceu a primeira criança e morreu, os velhos, que se tinham oposto, atribuíram essa desgraça a não terem feito DABATSA. DABATSA não é uma simples caçada para terem carne e agradar a sogra, não é a compra da noiva somente, mas um ritual cheio de significado e de compromissos.

A sensibilidade na introdução de novas necessidades numa tribo indígena nunca é pouca. A simples presença do uso do machado abala suas estruturas. A luta dos indigenistas para que uma tribo conserve sua cultura e sua individualidade, mesmo que hajam alterações significativas na tecnologia, é válida, mas difícilíssima, e todos nós devemos ter esta sensibilidade e tato para que os Xavante conservem sua consciência étnica e sobrevivam como povo, fazendo sua história e seu progresso, pois são dinâmicos e não peças de museu.

Vozes — Como situar a questão da livre escolha no casamento xavante?

IG — Muito se falou sobre a falta de liberdade na escolha dos noivos nas tribos indígenas. Olhando superficialmente o casamento Xavante parece uma imposição externa a ser aceita docilmente. Na realidade não é assim. Quem vive no meio deles nota logo como a liberdade é respeitada até nos pequenos. Quantas vezes as mães no ambulatório dizem simplesmente: “Olha, ele não quer este remédio.” Na idade escolar a criança vai à escola se ela quer. Pode optar entre ir à escola, acompanhar os mais velhos na roça, pegar seu baquite e correr a colher frutas silvestres ou ficar na aldeia a brincar sossegada sem que outros interfiram na escolha feita. A respeito do casamento acontece o mesmo. Única condição é o respeito às leis clônicas. Até à hora da DABATSA os parceiros podem voltar atrás e seguir outro partido. Os pais aconselham, doutrina, mas a decisão é dos dois, também em casos de ameaças. A tribo espera a decisão dos noivos. Mas há um problema: as leis clônicas são tão restritas que desistir de um partido significa desistir para sempre do casamento, pois não há, geralmente, outra possibilidade de escolha...

Nota-se nos jovens casais alegria e satisfação, indício de um casamento começado por amor. Não conhecem essa palavra mas a vida é mais forte e, se não têm os requintes de nossa sensibilidade e de nossa libido, eles se amam e amam os filhos.

O contacto com a população envolvente, com a leviandade em assumir o casamento e na escolha do parceiro está penetrando neles, projetando o mesmo problema. A menina Xavante vê que o noivo viaja e está com os brancos. Ela também quer fazer o mesmo e às vezes tem a coragem de afirmar que quer casar com um branco. Isto provoca grandes desordens no seio da tribo. Por outro lado, os rapazes que passam algum tempo na cidade tentam casamento com “branca”, porém a tribo interfere e até hoje não houve miscigenação. Recentemente o velho Ahüpowena foi até Brasília para buscar o filho que estava servindo no exército e pediu para casar com uma “branca”, tirou o filho do quartel, es-

perou um tempo em Brasília para que o rapaz se convencesse que devia voltar com o pai e só ficou contente quando o casou com uma xavantinha. Hoje estão felizes e integrados na tribo.

Vozes — Como se apresenta o problema da prostituição entre os xavante?

IG — A prostituição em relação aos jovens Xavante é fenômeno sério. A vida matrimonial dos Xavante tem suas normas, mas as relações sexuais antes do matrimônio e durante o matrimônio seguem padrões bem diferentes dos nossos. Até pouco tempo os Xavante desconheciam o homossexualismo e a masturbação, seguindo padrões sexuais próprios. Hoje porém os jovens viajando aprendem a frequentar as casas de prostituição. As mulheres dessas casas nem sempre são disponíveis aos índios e houve casos de vexame... que tirou aos jovens a vontade de fazer novas experiências. Por outro lado houve procura e convite por parte de prostitutas. O maior perigo da prostituição, além do psicológico, é o biológico introduzindo na tribo doenças venéreas que inicialmente os Xavante não tinham.

Nesse assunto nota-se na vida dos Xavante certas liberdades sexuais que nós não temos e que consideramos prostituição. Por exemplo as jovens ou as mulheres são castigadas por faltas cometidas entregando-as aos velhos. Os maridos têm direito nas cunhadas até que lhe seja permitido aproximar-se de sua mulher, depois do parto (deve esperar que a criança fique sentada). Há ainda o caso do noivo que paga os caçadores dando em uso sua esposa ou outros pagamentos. A mesma poligamia acontece quando o homem desposa a filha mais velha e há falta de homens na aldeia. Nesse caso ele desposa a mais velha e todas as irmãs dela lhe pertencem, dormem com ele, desde que sejam ADZARUDU e cada ano ele é obrigado a fazer DABATSA para uma delas. São legitimamente esposas dele. Também esse fenômeno não pode ser olhado com os nossos parâmetros. E depois não há nenhuma citação da escritura nem no Novo nem no Antigo Testamento que condene a poligamia.

“Sabemos que somente com grandes dificuldades o padrão matrimonial do antigo

oriente próximo se livrou, sob a influência da fé em Javé, dos elementos que não estavam de acordo com a criação e a aliança. Além do mais, era inevitável que o ideal puro do matrimônio fosse vivido em formas sociais e históricas que eram semíticas antes que bíblicas, isto é, na estrutura em que recebemos a palavra de Deus, mas que não é, como tal, um protótipo para nós, como o é a palavra de Deus. Uma forma antropológica semítica não é de maneira alguma a mesma coisa como uma forma antropológica bíblica que É A VISÃO DO HOMEM QUE NOS REVELA A PALAVRA DE DEUS, E NOS OBRIGA A ELA.

O bem-estar do clã era fundamental para o sistema matrimonial do Antigo Testamento. A felicidade tribal era a norma ética para toda conduta sexual, e nos fornece a chave para a compreensão de todas as espécies de regulações em Israel a respeito de assuntos sexuais. Mas a ética do clã adquiriu um novo significado com a revelação do Deus verdadeiro, Javé." (Schillebeeckx página 93).

O ponto-chave da divergência entre os padrões morais nossos e dos Xavantes está na vida sexual. Merece um estudo bem mais profundo para que os missionários tenham uma linha em sua ação pastoral, pois quando nos deparamos com esse problema dificilmente saímos dos parâmetros de nossa moral, ou melhor, nossa forma antropológica ocidental de encarar a sexualidade.

Vozes — Em termos amplos, estaria caracterizada a crise...

IG — Afirmei na introdução que os Xavante estão resistindo na conservação de seus padrões culturais matrimoniais, porém os sintomas de crise são evidentes.

O jovem Xavante pergunta-se:

Qual será a maneira certa de formar a família?

Como devo agir?

Noto essa inquietação nas jovens ADABÁ à véspera do casamento. Elas sempre receiam que o esposo pague os caçadores com o corpo dela e, vivendo com outra cultura onde isso não acontece, querem reagir. Uma viúva

que passou vários anos com os brancos reagiu violentamente diante da atitude dos cunhados em aproximar-se dela porque tinham filhos pequenos. Este fato não é fato isolado e questiona a tribo.

O ideal cristão que muitos deles conhecem e a falta de testemunho da população envolvente é outro fator que cria crise na vida matrimonial desse povo.

As mulheres Xavante ficam abismadas e acham horrível a ligação de trompas e a limitação de filhos. Não sei porém até quando isso permanecerá nelas. As idéias são mais revolucionárias que qualquer arma...

O ideal seria que o amadurecimento do matrimônio Xavante se processasse sem o desmoronamento dos padrões culturais essenciais dessa tribo. Tenho porém argumentos para reear na possibilidade dessa passagem.

Vozes — Quais os elementos cristãos que distingue na visão matrimonial dos xavantes?

IG — Li, não lembro mais onde, que para conhecer um povo precisamos:

a) Um conhecimento profundo de tudo o que se passa. Conhecimento não de leitura, nem de visão, mas um conhecimento sofrido, conhecimento que se faz pelo amor.

b) Uma atitude psicológica não de egoísmo, não de projeção, mas uma atitude de querer o bem comum em todas as situações da existência...

Na procura do que há de cristão no matrimônio Xavante sinto muita dificuldade. Primeiro porque eu não sou casada, segundo, porque, como religiosa, dificilmente conseguirei que se manifestem abertamente. Estou comprometida com esse povo, porém em assunto como o presente estou muito por fora e aquilo que relato é simples constatação de atitudes e fatos. Propositamente me abstenho de qualquer consideração e juízo. Espero porém que outros façam isso para auxiliar os missionários no anúncio de Cristo a esse povo.

O Xavante é um povo que cultua a vida, a saúde e ama os filhos que obtém do DANIMATE (espírito bom).

— Toda a aldeia está comprometida na preparação dos jovens ao casamento. Desde pequenos começam os ritos de iniciação.

— O incesto, o homossexualismo e outras aberrações de nossa sociedade são abominados pelos Xavante.

— As dificuldades matrimoniais e as desavenças entre os dois parceiros tornam-se problemas sociais e a comunidade, quase sempre consegue a superação do problema e a perseverança no matrimônio.

— Na vida dos Xavante, quando um casal quer um filho quem toma a iniciativa é a mulher. Ela pede um filho ao marido. Discutem sobre o sexo. Decidido isto o esposo vai falar com seu pai e pede para que lhe prepare os pauzinhos a serem colocados nos furos das orelhas durante o coito. Se querem menino o velho pinta cada pauzinho com quatro listas vermelhas; se querem menina, pinta uma lista só. O velho deve pintar-se e amarrar os pulsos e os tornozelos. A posição também é respeitada: para menina senta-se como as mulheres na confecção dos pauzinhos. Se menino permanece sentado em sua posição normal. Faz os pauzinhos em silêncio e os entrega ao filho explicando como usá-los. Faz cinco pares de pauzinhos de tamanho diferente a serem usados cada par numa união sexual. O filho recebe os pauzinhos e as instruções. Depois da meia noite levanta e sai de casa. Segura o pauzinho da orelha direita com a mão direita, se quer homem e o levanta na direção do Oriente e pede um filho homem ao espírito bom (Dañimite). Se quer menina segura o pauzinho da orelha esquerda com a mão esquerda fazendo o mesmo pedido. A cópula para gerar deve ser sempre em casa ao coberto, no tempo que vai da meia noite até o nascer do sol.

O esposo repete o mesmo pedido todas as noites até que a mulher fique grávida. Se nascer o filho do sexo desejado o pedido é porque o Dañimite atendeu o pedido. Se for do sexo oposto é porque assim quis o Dañimite. Os pais são sempre satisfeitos com a resposta às suas preces.

Após a cópula o marido tira os pauzinhos e os coloca sobre o ventre da mulher para que o

Dañimite os faça ver ao menino e ele se sinta Xavante. Uma lenda diz que os primeiros Xavante vieram dos pauzinhos...

— Nunca a mulher é considerada estéril. Se ela não concebe, o marido pede ao irmão dele que a tenha como mulher e o filho será legítimo do esposo e não do pai biológico.

Tobias no Antigo Testamento descreve a vida matrimonial e familiar do Antigo testamento. Tobias e Sara estão inteiramente sob a proteção de Javé que os abençoa, os santifica e torna Sara fecunda. É um matrimônio segundo Deus.

Na simplicidade da vida matrimonial dos Xavante há algo de similar...

— Na iniciação dos jovens ao casamento há várias cerimônias nas quais o símbolo é a seriema: seu canto, suas penas, sua maneira de viver... A preparação dos adolescentes, principalmente, acentua esse aspecto.

Pesquisando encontramos uma lenda que pode iluminar o assunto. A lenda nos revela algo sobre o respeito, amor mútuo e fidelidade do matrimônio Xavante e é tão sugestiva, que na sua simplicidade faz lembrar Oséias.

A síntese da lenda é essa:

Numa caçada demorada, só ficaram na aldeia as mulheres e as crianças. As mulheres, cansadas e com saudades dos maridos, vingaram-se transformando-se em queixada e outros animais do mato. Assim quando os maridos chegassem ficariam com saudade. Uma velha transformou-se em camaleão e ao voltarem os homens contou tudo para eles. Foi presa, morta e um pedaço de sua carne foi colocado em cada esteira das mulheres para que se transformasse em suas mulheres. Aborrecidos, sem mulheres nem crianças voltaram para a caça. De longe, após poucos dias, viram fumaça na aldeia e deduziram ser o fogo que as mulheres acenderam em cada casa. Voltaram.

O melhor caçador não vendo fogo em sua casa ficou triste, repartiu a caça com os colegas e foi para casa. Chegando viu a mulher. Então cortou a barriga de uma perna, defumou a carne e a deu à mulher. Essa o recebeu mal, pois todos traziam muita carne, o maltratou e o mandou embora de sua casa. O es-

poso, muito triste foi na mata e começou a chorar. Chorou doído e se transformou numa seriema. Toda madrugada cantava perto de sua casa para que a mulher ficasse com saudade... o tempo foi passando e ele perseverando até que enfim a mulher ficou com saudade e foi também para a mata a chorar. Transformou-se numa seriema. Então encontrou seu marido. Ficaram juntos e voltaram ao meio permanecendo fiéis até a morte.

Sinceramente meu embaraço para encontrar contravalores no casamento Xavante é bem maior do que na procura dos valores. É um povo tão diferente de nós...

Como norma prática para analisar uma ação procuro averiguar se houve respeito para com a pessoa do outro. Se o próximo ficou prejudicado a ação não é um valor.

- A falta de respeito para com as meninas por parte dos velhos é negativa.
- Castigaremos as mulheres entregando-as a quem quiser usá-las.
- Pagar as dívidas, de diferente natureza, dando a mulher em uso.
- Castigar a desobediência das meninas entregando-as aos velhos.
- Casar as meninas logo após a primeira menstruação sem permitir um desenvolvimento bio-psicológico a fim de enfrentarem o casamento com mais eficiência.
- O problema dos gêmeos e dos nascidos com defeito. Não matam mas deixam perecer por falta de cuidado ou por submeter a provas mais duras do que as habituais. A seleção natural processa-se normalmente. É raro encontrar aleijados ou fracos fisicamente entre os Xavante. Perguntando por que submetem os mais fracos às provas mais duras respondem simplesmente: "Para ver se é forte."

Vozes — Qual a atitude missionária mais adequada no caso específico de uma pastoral matrimonial junto ao xavante?

IG — Antes de falar sobre a atitude do missionário com relação ao casamento Xavante quero apresentar umas linhas do Schillebeeckx porque foram para mim de grande alegria. A Igreja sempre respeitou e

considerou a formação da família nos vários povos convertidos.

"Os assim chamados "Códigos domésticos" ou normas para a vida doméstica, expressando o sistema de família que reinava entre os judeus e gentios do tempo, foram incorporados por Paulo no Cristianismo. Deste modo eles entraram no Reino de Deus, adequadamente emendados e transformados internamente por serem 'em Cristo'. Este sistema universalmente válido adquiriu um espírito totalmente novo por sua aceitação no cristianismo..."

"Os judeus que se tornaram cristãos continuaram a seguir as leis judaicas do matrimônio, enquanto os gentios convertidos ao cristianismo conservavam as leis matrimoniais greco-romanas. Isto inevitavelmente levou a um conflito que o primeiro concílio da Igreja resolveu por meio de um compromisso: os cristãos do mundo pagão não estão ligados às leis judaicas, mas estão sujeitos, por causa da paz, às leis judaicas referentes à pornéia. Pornéia, pois era um casamento nulo..."

"Como regra geral, os cristãos deviam conformar-se com os padrões de vida de seu próprio ambiente, neste e em assuntos semelhantes. O sínodo de Elvira, realizado cerca do ano 306, também aceitou como ponto de partida que os casamentos de cristãos batizados fossem celebrados como os dos pagãos não batizados. A Igreja simplesmente aceitou a sujeição de seus membros à legislação romana, e as causas matrimoniais eram levadas ao tribunal civil."

"Assim costumes próprios da sociedade civil integram-se plenamente na liturgia da Igreja. Coisas, símbolos e procedimentos legais profanos — anel, dote, imposição do véu etc. — entraram na liturgia da Igreja..."

"Começando com Leão Magno, a Igreja, ansiosa por assegurar o caráter público do matrimônio, *acentuou a contração do matrimônio segundo os costumes civis dos indígenas.*"

"A idéia de que a Igreja devia ser capaz de pôr condições para a validade do matrimônio à base de seus poderes jurisdicionais não adquiriu uma posição firme na Idade Média."

“A Igreja procurava assegurar a celebração pública do matrimônio porque este aspecto público do matrimônio era necessário para a vida religiosa e moral de seus membros. Realmente a Igreja até chegou a acentuar a necessidade de contrair o matrimônio de acordo com os costumes familiares e civis da região.

“O papa Nicolau I, em sua carta aos búlgaros (convertidos ao cristianismo pelos gregos), reagiu fortemente contra a concepção grega que o mútuo consentimento das partes era em si insuficiente, e também que os vários costumes associados com o matrimônio, inclusive a bênção do sacerdote, estavam sujeitos a uma prescrição, com o resultado de que a sua omissão era considerada pecado.”

“O matrimônio é uma realidade terrena com um sentido distintamente humano que deve ser vivido ‘no Senhor’. Não é simplesmente um fato da criação, mas algo que entrou na salvação.”

“O matrimônio, como compromisso, é um risco para toda a vida, um elo que não é somente um chamado pessoal para transformar o matrimônio numa união existencial de inter-relação conjugal e para crescer juntos pessoalmente numa fidelidade de amor para chegar a uma unidade indissolúvel, mas é também uma união objetiva que transcende a autodissolução livre e o rompimento existencial. Este fato é um aspecto único da revelação cristã da salvação, o fenômeno que ocorre apenas nos sacramentos da Igreja, pelo qual uma realidade terrena, com seu sentido histórico distinto, é transformada internamente numa realidade religiosa.”

“ESSA RENDIÇÃO DEFINITIVA A UMA OUTRA PESSOA, SEM NENHUMA PREVISÃO DO QUE PODERÁ ACONTECER NO FUTURO, É A MANIFESTAÇÃO HUMANA DA RENDIÇÃO DEFINITIVA DO HOMEM AO OUTRO SER: DEUS.”

Propositalmente relatei aquilo que achei básico para uma consideração cristã do matrimônio entre os Xavante. Gostei de constatar que sempre a Igreja teve uma atitude de encarnação nos povos a serem evangelizados, e se historicamente houve erros graves no assun-

to do matrimônio e em outros assuntos, não foi atitude *DA IGREJA DE CRISTO* mas de pessoas isoladas. A Igreja como mãe sempre reagiu contra a imposição...

Voltando aos nossos Xavantes, eles estão com o missionário desde 1934. Acredito eu que se o encontro com esse povo se processasse hoje a atitude evangelizadora seria outra. Como anteriormente, omito-me de qualquer juízo. Só relato fatos.

Desde o primeiro encontro a preocupação foi pela família e o maior problema a ser enfrentado foi a poligamia. Os chefes, vendo que a população envolvente tinha a família constituída de um só homem e uma só mulher, ao menos aparentemente, aceitaram a idéia do missionário em desfazer-se das mulheres. Então os que tinham várias esposas ficaram com a mais nova e davam aos outros as outras mulheres. Os novos maridos eram geralmente viúvos e de certa idade.

Por ocasião de uma grande epidemia de sarampo muitos homens e mulheres enviuvaram.

A tristeza e o desequilíbrio na tribo era notório, os choros rituais mais prolongados do costume e o desânimo visível. Então os missionários com os chefes reuniram os viúvos e as viúvas e entre eles, segundo as leis clânicas, formaram novas famílias.

Ainda existem umas poucas famílias polígamas, como a que encabeça o trabalho.

Um valor muito grande para a tribo foi a atitude do missionário em convencer os índios a deixarem que as meninas fiquem adolescentes e não sejam dadas por esposas com a primeira menstruação. Se hoje é raro a morte das primíparas entre os Xavante deve-se a essa atitude do missionário. Foi isto muito criticado e contestado porque as meninas eram recolhidas em internatos que nem sempre respeitavam os valores tribais e criavam em algumas crises graves ao regressarem à aldeia no dia do casamento. Posso porém afirmar com base em que tomei conta dessas meninas seis anos, que dependia muito de quem vivia com elas. Muitas estão hoje perfeitamente inseridas na tribo e o choque não foi tão degenerador...

Porém a atitude mais desastrosa foi a do missionário ter-se substituído aos padrinhos na educação dos WAPTÊ e das ADZARUDU. A educação fora do habitat deles e com pouco contato com os padrinhos era por conta do missionário. Enquanto fizemos assim os problemas eram poucos. Agora resolvemos devolver aos padrinhos a responsabilidade. Eles perderam o treino às iniciações mais pesadas, perderam a confiança em muitos ritos e festas e principalmente perderam a autoridade sobre os afilhados. Assistimos por isso a um debandamento de jovens com grande consequência para as futuras famílias... Espero que dentre eles surja um grupo que enfrente o problema e sejam eles mesmos os autores de sua história.

Quanto ao rito do casamento inicialmente fazia-se na aldeia o rito deles e na capela da missão o sacramento do matrimônio criando um paralelismo muito perigoso. Hoje está-se tentando uma simbiose entre DABATSA e bênção nupcial. Muitos querem a presença do sacerdote na volta da caçada e o grande cesto de carne perto do altar é o ofertório de toda aldeia para a felicidade do jovem casal. Houve também a cerimônia da bênção nupcial à noite no centro da aldeia após todas as cerimônias deles.

Muito me preocupo com o casamento Xavante, pela função vital que tem na tribo. Faço voto que se realize aquilo que a EVANGELII NUNTIANDI afirma em 52. Só com a formação de uma Igreja particular com valores e gestos típicos conseguiremos que o Cristo presente em todos os povos nasça no meio dos Xavante.

Peço a Deus que suscite alguém que tenha a coragem, a sensibilidade e o tato de estudar a fundo esse povo para que a Igreja entre eles seja, realmente, a Igreja de Cristo que transcenda toda cultura...

Num encontro com um grupo de jovens casais Xavante perguntei qual era a lenda mais linda e significativa sobre o casamento. Todos responderam: A do rapaz e a estrela. Não tenho condições para analisar essa lenda. Só vou anexá-la como apêndice para que apareça na sua genuinidade.

O RAPAZ E A ESTRELA

Durante a caçada dois Ay'repudu estão deitados na utsu. Olham para o céu e conversam.

- Aquela estrela é olho bonito.
- Será que ela vai descer aqui?
- Qual?
- Aquela que está lá.

É só aquela que é olho bonito.

- Aquela lá não é tão linda.
- É aquela que vai descer aqui. Estou-lhe chamando, desça aqui. Porque você é bonita, é linda.
- Está chamando à toa.
- Será que ela está sozinha?
- Não sei.

Todos começaram a dormir. O rapaz dormiu. Acordou e percebeu que alguém estava ao lado dele.

Tocou no braço, no peito e em todo o corpo e pensou:

“Será que é a estrela que desceu?” perguntou:

- Quem é você?
- Eu sou a estrela que você chamou. Eu desci.

- Será que lá tem gente?
- Sim, lá tem gente que olha para baixo, não é estrela.
- Como tem gente se lá é mole. Como eles ficam?
- Não, lá é duro como aqui, a gente vive como você está vivendo aqui.

- Como você desceu?

- Desci pela palmeira WAAWEDW.

Amanheceu, os companheiros foram buscar a comida.

- Amigo, levante-se, vamos buscar a comida, vamos buscara embira.

Não se levantou, ajeitou a esteira embaixo do ombro.

Quando a mãe viu que o filho não veio, chamou o irmãozinho:

- Vai chamar teu irmão.

Ele foi e chamou.

- O outro falou:
— Traga aqui a comida. Não vou lá.
O irmão voltou para casa.
— Já que ele não vem vou levar sua comida.
— Não. Chame-o para cá.
Foi outra vez chamar.
— Traga a comida para mim porque não vou.
O menino foi falar à mãe.
A mãe falou:
— Experimente levantar a esteira. Diga para ele que venha buscar a comida. Vá sem medo. Fale para ele vir aqui.

- Foi chamar.
Levantou a esteira.
O irmão falou:
— Vá buscar a comida.
O menino voltou.
O Ay'repudu fala à moça:
— Você vai, vai embora.

- Ela disse:
— Depois você venha perto daquele jatobá, eu estarei lá.
— Está bom. Agora ele vai contar para a mãe.
— Ela virá para nos ver.

- A mãe falou:
— Deixe. Eu mesma vou levar para ele.
— Mamãe, tem alguém que está ao lado dele, uma moça.
— Como tem alguém ao lado dele?
— É muito bonita. Ela tem colar de dentes de capivara, rabo de papagaio, tem cabelos bem cortados, é linda mesmo.
— Não vai me enganar.
— Como que eu vou enganar? Tem alguém mesmo.

- A mãe foi levar para ele a comida. Levantou a esteira. Não havia ninguém.
— Onde está a pessoa que havia ao seu lado?

- É assim que ele falou?
— Sim. É assim que ele falou, que ele contou: "Levantei a esteira de propósito para ver se havia alguém."
— Ele enganou a senhora. Pode ir.
Depois mande trazer o cacete para tirar em-bira. Ele vai comigo para ajudar a carregar.
O menino foi.

- O cacete está aqui.
— Vai levando consigo.

Enquanto esperava ele comia...

- Vamos? Vamos entrar na direção do jatobá.

E foram. Foi olhando e procurando, até que viu WAAWEDE. Foi perto. A moça estava lá.

- Quem é esta moça?
— É de lá que veio, lá de cima.
— É gente?
— Sim, é gente igual a que está no mundo todo. É gente.
— Como que está com colar de dentes de capivara?

Ela deu cará para comer.

- Dê esse para seu irmãozinho, para ter mais força para bater WAAWEDE.

Os dois comeram cará. Ficaram fartos.

- Chega.
— Vamos, você fica de cá, eu fico de lá para segurar o broto um na frente do outro.

Ensinou como devia bater: Você bate assim com o cacete e fala: — Árvore vai crescendo, árvore vai crescendo. Vai crescendo. — Assim por diante.

- Bata assim, como eu fiz. Não pare de bater até furar o céu. Depois me espere. Vou passar uma noite.

Os dois sentaram em cima da palmeira.

- Comece bater...
— Vai crescendo, vai crescendo, vai crescendo... assim por diante.

A palmeira foi crescendo mesmo. As sombras não se enxergavam mais, até que chegou ao céu. O menino que estava batendo começou a chorar.

- REPUDURE desça aqui, porque você subiu com alguém?

Mas era tarde demais. Ele devia parar enquanto estava mais perto. Os dois chegaram ao céu e amarraram o tronco da palmeira.

- Tem alguém que está chegando com a moça.
- Onde está?
- Olhe, está chegando.
- Quem é?
- De onde vem essa pessoa Xavante?
- Ela encontrou um homem Xavante desconhecido.
- De onde que você trouxe?
- É aqui de nossa redondeza?
- Como que é?
- O pai deixou trazer?
- Tem a orelha furada?
- Não. É menino.
- Não é do mato que encontrei, tirei de dentro da casa que é chamada ITSU.
- Ninguém viu?
- O irmãozinho já me viu. Por isso eu voltei na mata. Eu saí antes da mãe dele chegar. Eu o esperei perto da árvore grande. O irmãozinho dele foi batendo.

Puseram a comida para ele: cará, batata e todo alimento. E comeu. No céu há toda qualidade de alimento. No céu vivem também os urubus...

O irmãozinho correu para casa. A mãe perguntou:

- Já chegou com ele?
- Não, não era para buscar embira. Era para bater o pau na palmeira.
- Que madeira que você estava batendo?
- Pau de palmeira. Você não viu? Estava subindo bem na frente de seus olhos.
- Não vi, é porque não estava olhando para cima.
- Como que ele disse para você?
- Ele vai passar um dia. Primeiro ele vai conhecer tudo. Vai saber primeiro a palavra do pai da moça. Ele tinha dito: "Voltarei para contar ao meu pai a palavra do sogro, se meu pai mandar ficarei no céu porque é lugar muito lindo."
- Para que ele vai ficar afastado de mim?
- Deixe-o sair. É só nós que ficaremos na terra. Ele gostou do lugar. Aquela que foi junto com ele mostrou todo o lugar. Por isso ele gostou.
- Como que eles ficaram?

— Eles ficaram um na frente do outro.

Passou a noite, e de dia o pai ficava esperando o filho. O rapaz desceu de volta assegurando o broto. O pau da palmeira ficou baixinho. A mãe mandou o irmãozinho.

— Vá ver se ele já chegou em casa.

Não achou.

— Onde está o seu irmão? Ele está em casa? No UTSU?

— Não, ontem ele subiu ao céu.

Voltou outra vez para ver, à tardinha. Não achou nada. Ele desceu enquanto os outros cantavam. Foi para casa e deitou na cama e se cobriu com a esteira. Os outros foram cantando. A mãe lembrou-se dele e chorou, enquanto os outros cantavam...

- Quem é que está deitado?
- Experimente levantar a esteira.
- É o nosso companheiro.
- De onde que chegou?
- Fiquei em casa... Fiquei em casa.
- O seu irmãozinho não contou assim. Aquela que de noite você tinha chamado, foi ela que o levou. Assim contou o seu irmão.

— É verdade. É assim mesmo. Eu trouxe cará.

- Chegou sozinho?
- Sim, sozinho.
- Como que disseram?
- Só falarei depois de ter perguntado ao meu pai.
- Primeiro conta para nós escutarmos.

O irmãozinho dele chegou outra vez.

- O menino já chegou.
- Já?!
- O pai está-lhe chamando.

Foi.

E perguntou:

- De onde que chegou?
- O meu irmãozinho não contou que tinha batido no pau.
- Sim, ele já contou. Fiquei esperando o dia inteiro.
- Sim. Desci outra vez para saber a sua palavra. O senhor me mande de volta, não me deixe aqui. Me mande lá para eu es-

- perar vocês. Vocês morrem mesmo. Depois da morte vocês vão sair para o céu. Eu vou esperar vocês com o meu corpo.
- É assim mesmo? Se é assim, pode me esperar.
 - Sim eu vou ficar lá mesmo, para esperar vocês.
 - Como que é? Como que é?
 - Depois da morte a gente vai para o céu; assim falam as pessoas de lá.
 - É assim mesmo? A gente não acaba tudo?
 - O corpo morre. A alma não morre. Por isso eu voltei contente.
 - É verdade. É verdade. Sim é verdade.
 - Aqui está o cará assado. Pode comer. Mas o senhor me mande de volta.
 - Eu não vou dizer nada. Eu não vou fazer nada em contrário. Vou mandar mesmo. Vai passar a noite?
 - Sim. Amanhã mande meu irmãozinho.
 - Espere. Espere. E nós vamos ficar aqui?
 - Vocês vão ficar. Senão vocês vão chorar dentro da mata...
 - Vamos ficar aqui mesmo.
 - Vocês vão olhando para me ver.
- Pode voltar. Pode voltar.
 - É com ela?
 - Sim, é com ela. Esse alimento é para o meu pagamento. Toma, pode levar.
 - Vou levar mesmo, vou levar.
 - Depois você plante.
 - Sim, vou plantar.
- (Isto os Xavante estão comendo até hoje.)
- Vocês fiquem quietos quando o trovão fizer barulho.
 - O quê? O quê?
 - É chuva. É a chuva que está fazendo o trovão. Vocês fiquem quietos, não chorem, porque com a trovoadá a gente sente a saudade. A gente sente mesmo.
- O pai foi levando o cará; chegou em casa e começou a chorar. Passou a noite. E de manhã cedindo o AY'REPUDU partiu para a volta, o irmãozinho o acompanhou e...
- Comece a bater. Já o ensinei outro dia.
 - Começou a bater, bateu e bateu até que ele entrou no céu.